



CORPOS DE PASSAGEM? FORMAS DE SE FAZER TRAVESTI EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Rafael França Gonçalves dos Santos¹

O presente escrito propõe uma discussão problematizada sobre as travestis de Campos dos Goytacazes que, ao subverterem a ordem de gênero, na qual estão pautadas as relações na sociedade ocidental heterossexista, estão sujeitas às sanções sociais, tais como a homofobia.

Cabe destacar, que este texto é fruto de algumas reflexões que tenho realizado na pesquisa do mestrado. Pretendo apresentar uma discussão inicial sobre as relações de gênero, tendo em vista que é por esta perspectiva que o trabalho tem sido pensado. A seguir, apresentarei algumas considerações sobre a temática da pesquisa, e o recorte por ora realizado, focado no corpo.

As considerações apresentadas são, ainda, bastante iniciais e carecem de material empírico. Desta feita, que sejam vistas mais como indagações/inquietações, que motivam a realização da pesquisa, do que como respostas conclusivas.

Travestilidade

A travestilidade é configurada como uma transgressão da ordem “*natural*” dos sexos, visto que demonstra o quanto a suposta naturalidade reivindicada só é real no próprio discurso biologizante, que busca legitimar as diferenças sociais na realidade biológica dos indivíduos. Assim, ao travestir-se², o indivíduo, seja ele um homem ou uma mulher – biologicamente -, está sujeito às condicionantes do sexo que ele (ou ela) passa a representar, embora essa transformação não tenha significado uma intervenção sobre o sexo biológico, como ocorre no caso da transexualidade.

Na medida em que se compreende o *gênero como uma categoria de análise histórica* (SCOTT, 1994), considera-se que uma análise sob esta ótica ocupe-se de destacar seu caráter relacional. Embora essa categoria surja no bojo das reflexões sobre a presença da mulher na História, não se encerra nisso; daí porque pensar num processo dinâmico, permeado por relações de poder. Nesse sentido, penso que essa perspectiva possibilite a construção de uma percepção

¹ Mestrando em Sociologia Política – Universidade Estadual do Norte Fluminense / Darcy Ribeiro – rafael.fgs@hotmail.com

² Para efeitos de elucidação, o uso do termo *travesti*, sempre que citado sem maiores referências explicativas, será destinado aos homens que se travestem de mulher, em sua maioria ligados à prostituição. E, por isso, tratado no feminino.



interessante sobre indivíduos que se compõem com essas duas instâncias: o masculino e o feminino, das formas mais diversificadas.

Joan Scott apresenta em *A cidadã paradoxal* o caso da feminista Madeleine Peletier que, ainda nas primeiras décadas do século XX questionou essa hierarquização dos papéis sociais pautada pelo sexo biológico, na qual a mulher era identificada, principalmente, pelas roupas que vestia. Peletier observou o quanto, para a sociedade, representava o modo de vestir-se de homem, e assim, propôs uma *masculinização* da mulher, que se daria a partir da adoção das vestimentas masculinas. Dessa forma, segundo ela, as mulheres estariam afastando-se daquilo que corroborava a manutenção de sua posição de inferioridade. Este caso exemplifica, sobremaneira, como a sociedade constrói as representações de gênero, e Peletier confirmava isso quando travestida, era reconhecida como homem³.

Em geral, sabe-se mais de casos de indivíduos que se travestem com trajes femininos e são rechaçados pelo discurso moralizante que ainda permeia a sociedade; o que supostamente, não ocorreria de forma tão veemente com as mulheres. Ao contrário do caso das mulheres, que poderiam, como propunha Peletier, buscar no travestimento uma posição social de maior prestígio, os homens trilham o caminho *inverso*, construindo em seus corpos a imagem que carrega a marca da exclusão, abdicando do *privilégio* que lhes é concedido pela sociedade e atribuído à natureza, de pertencer ao sexo dominante. Essa recusa de pertencimento pode lhe custar mais caro, na medida em que o olhar da sociedade para ele seria mais depreciativo do que o dispensado às mulheres.

Como aponta Daniel Welzer-Lang:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir (ou o que é pior, de recusá-los para si próprios), a dominação masculina produz a homofobia para que, com ameaças, os homens se calcem sobre esquemas ditos normais da virilidade.⁴

Percebe-se que embora reine este sistema de ameaças, há aqueles indivíduos que, não só recusam o modelo masculino, como constroem sua identidade tendo como referencial o que é colocado como o oposto, ou seja, o feminino; como é o caso das travestis.

É muito complicado pensar a travestilidade como algo uniforme, capaz de ser organizado sistematicamente em padrões rígidos. O fato de um indivíduo ser travesti não significa que ele abandone por completo todos os *traços* característicos atribuídos à masculinidade. Madame Satã, por exemplo, conhecido homossexual da Lapa (região boêmia do Rio de Janeiro) se notabilizou

³ SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal*: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

⁴ WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino*: dominação das mulheres e homofobia. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001. p. 465



pelo comportamento agressivo, incomum aos indivíduos de seu grupo, assumido por não admitir as humilhações as quais era exposto. No trecho abaixo, pode-se perceber como ele destaca um atributo típico do homem verdadeiro, a virilidade:

Deixar que fizessem comigo o que faziam com as outras bichas que viviam apanhando, e eram presas todas as semanas, só porque os policiais achavam que as bichas deviam apanhar e fazer a limpeza de todos os distritos? E de graça. Não, eu achava que ser bicha era uma coisa que não tinha nada demais. Eu era porque queria, mas não deixava de ser homem por causa disso. E me tornei bicha por livre vontade e não fui forçado pelos outros.⁵

Esta fala de Madame Satã é ilustrativa sobre o caráter *ambíguo* que permeia a figura da travesti; ao mesmo tempo em que assume estereótipos femininos, recusa-se a assumir a posição de docilidade associada às mulheres, e ainda reivindica a identidade sexual masculina – ao dizer-se homem-, e pelo comportamento viril que advoga. É evidente, porém, que apenas a virilidade não é suficiente para privá-lo do enquadramento que o universo heterossexista impõe aos homossexuais. Assim, Madame Satã foi, por diversas vezes, preso; tendo acumulado extensa ficha criminal.

Percebe-se, portanto, o quão importante se faz a análise da travestilidade sob a perspectiva das relações de gênero. Tanto mais, porque tais análises permitem que se compreenda como se dá social e culturalmente a construção dos papéis sociais e sexuais, em que são estabelecidas *coisas* para homens e para mulheres, como universos diametralmente opostos.

Thomas Laqueur⁶ demonstrou, por meio de uma aprofundada pesquisa historiográfica, como que o sexo biológico – ou a percepção sobre ele-, esteve condicionada pelas questões culturais de cada época e lugar, que criaram modelos de sexo único ou de dois sexos. Laqueur destaca como os estudos anatômicos, pretensamente neutros, são historicizáveis.

A história das diferenças anatômicas entre o homem e a mulher é extraordinariamente independente das verdadeiras estruturas desses órgãos, ou do que se conhecia sobre elas. A ideologia, não a exatidão da observação determinava como eles eram vistos e quais eram as diferenças importantes.⁷

Dessa forma, a travestilidade desponta como uma questão interessante, tendo em vista que desestrutura, significativamente, as teorizações pautadas numa concepção biológica das sexualidades, que querem relacionar a identidade masculina e/ou feminina aos atributos genitais que o indivíduo apresenta.

⁵ GREEN, James N. e POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p.46-7

⁶ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁷ Idem, p. 111



Prostituição

Ao se fazer mulher, e recusar percorrer o *penoso* caminho para poder assumir a identidade masculina, comum aos indivíduos nascidos XY (BADINTER, 1993), a travesti passa a ser alvo na sociedade, do comportamento homofóbico⁸, amplamente difundido, e tanto mais aceito, por significar uma das etapas de afirmação da masculinidade. É, portanto, por meio desse comportamento homofóbico que se busca, mais uma vez, a (re) afirmação da identidade masculina, corroborando a concepção de que, ser homem significa negar todo aspecto de feminilidade física, psíquica ou moralmente concebidos. Como aponta Badinter:

Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual, não ser dócil, dependente ou submisso; não ter relações sexuais nem muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres.⁹

Talvez, a situação das travestis seja ainda mais delicada, pois assumem uma sexualidade considerada *trans*, portanto, em desacordo com a

visão heterossexuada do mundo, na qual a sexualidade considerada como ‘normal’ e natural está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. As outras sexualidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transversais no máximo, definidas, ou melhor, admitidas, como diferentes.¹⁰

Dessa forma, elas serão, por vezes, levadas a assumirem um lugar marginalizado na sociedade, tornando-se prostitutas.

Em momento algum se quer pensar que a prostituição e a travestilidade sejam indissociáveis. Entretanto, a opção por pensar a travestilidade recortada pela vivência na prostituição é legítima, tanto mais quando se observa, como destacou Larissa Pelúcio, que o universo das ruas (a pista) é fundamental na construção da pessoa travesti; é onde ocorre, por exemplo, o *amadrinhamento*¹¹, que potencializa as transformações realizadas no processo do fazer-se travesti.

Como destacou Peter Fry e Edward McRae, está-se falando da prostituição masculina e

(...) os profissionais neste campo se dividem em ‘travestis’ e ‘michês’ que têm aparência bem máscula. Se os primeiros são travestis da mais *feminina* das mulheres, os segundos são travestis do mais *másculo* dos homens. De fato não há melhor evidência para o fato dos papéis sexuais serem essencialmente sociais, pois tanto travestis quanto michês são homens, fisiologicamente falando.¹²

⁸ Daniel Welzer-Lang define a homofobia “como a discriminação contra pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos), atribuídas ao outro gênero.” (2001: 465)

⁹ BADINTER, Elizabeth. **XY, sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez D. Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 117

¹⁰ WELZER-LANG, Daniel. Op. Cit. p. 460

¹¹ PELÚCIO, Larissa M. **Na noite nem todos os gatos são pardos** – notas sobre a prostituição travesti. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, p. 217-48. P. 232

¹² FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural – Brasiliense, 1985. p. 45



Esta fala abre caminho para que duas questões, inicialmente, possam ser pensadas. A problemática dos clientes que buscam os serviços das travestis, e as possibilidades de construção do corpo que se quer ter. Neste momento, algumas considerações serão apresentadas sobre questão do corpo da travesti (o cliente, embora esteja envolvido, de alguma forma, nesta empreitada, será problematizado em outra oportunidade).

Refletir sobre a questão do corpo da travesti parece-me fundamental para o entendimento da problemática encenada no social. De forma resumida, com o cuidado de não ser leviano, há de se considerar que o corpo é um espaço político, portanto, de grande interesse para a sociedade. Foucault apresenta na coleção *História da Sexualidade*, algumas reflexões sobre investidas feitas sobre o corpo ao longo da história. O corpo da travesti pode ser pensado como parte dessa economia dos corpos, num contexto de disputas políticas. O sistema que pretende definir o biológico como a base do cultural, torna-se insustentável. O corpo também é uma construção cultural, social e historicamente localizada, realizável num determinado contexto de condições possíveis; bem como os usos que se faz desse corpo.

Ao se servirem de seus corpos, as travestis (não sem contradições) demonstram, mais uma vez, como o gênero é produto de uma construção social, desautorizando qualquer fala que reivindique a natureza como fundamento explicativo. Lembrando Simone de Beauvoir, quando disse que *Ninguém nasce mulher: torna-se*, caberia uma analogia: *Ninguém nasce travesti: torna-se*.

Uma questão interessante, observada em algumas visitas realizadas ao campo de observação (Rua 21, dos Andradas e Formosa – no centro de Campos dos Goytacazes) é a variedade dos corpos das travestis; algumas apontadas como a mais bela das mulheres e outras que se apresentam com caracteres masculinizantes (marca da barba, pêlos na pernas, ausência de seios etc). Embora a questão financeira seja bastante relevante para pensar nas possibilidades de intervenções como cirurgias, aplicações de silicone (próteses ou industrial), não se pode pensar que isso seja determinante. Algumas travestis optam por não realizar intervenções definitivas, como as cirurgias em diversas partes do corpo, as aplicações de silicone etc., já que, também, em certos casos, a travestilidade é vivenciada em momentos específicos, e não em todas as instâncias do cotidiano. Tal constatação autorizaria destacar uma característica particular e recorrentemente atribuída ao universo da travestilidade, que é o *trânsito*, entre o masculino e o feminino, o sagrado e o profano, a sociedade e as margens (embora as margens constituam o social); e ainda outro ponto fundamental (ainda de forma hipotética): a travestilidade não pressupõe um processo teleológico, em que se tenha que atingir um fim espetacular. Ainda que algumas situações, como a aplicação do silicone



industrial (descrita por Don Kulick) possa ser considerado um passo definitivo (e doloroso) para *se transformar em mulher*.¹³

Com isso, agora parafraseando Welzer-Lang (ao falar do homem de verdade), é complicado sustentar que haja uma *travesti de verdade*, na medida em que o *trânsito*, que representa o fazer-se travesti, é permeado por situações diversas (às vezes adversas), que vão da ingestão de hormônios à colocação de próteses de silicone. Embora, talvez, seja possível considerar um modelo (no plural) estabelecido como ideal, o processo do *fazer-se travesti* é tão heterogêneo, quanto são as realidades históricas em que estes indivíduos se constroem, considerando ainda as variantes econômicas, culturais e subjetivas de cada travesti.

Assim, na medida em que se destaca a questão do corpo da travesti, põe-se uma questão que me parece crucial: a legitimidade dessas pessoas para a sociedade. Muito embora, como destacou Pierre Bourdieu, nossa sociedade funcione, em grande parte, por meio das relações simbólicas a invocação do corpo das travestis como um problema é algo que, de certa forma, denuncia a permanência de uma mentalidade, historicamente construída, que busca o fundamento das pessoas no sexo biológico, que representa o seu *verdadeiro sexo*¹⁴. Seria isso um aprisionamento da dimensão simbólica, já que sua legitimidade estaria condicionada à existência do real? No caso das sexualidades, corresponde a se pensar que o gênero (tradicionalmente visto como masculino ou feminino) deve estar submetido ao sexo.

Este cenário serve como pano de fundo para pensar a posição que a sociedade atribui às travestis e transexuais nesse contexto de disputas por espaços de poder e legitimidade. Para tanto, é indispensável que se tenha em mente qual o estatuto que o corpo adquire na sociedade contemporânea. De que maneira, socialmente, as pessoas se servem de seus corpos, e/ou servem seus corpos a outrem? Tal consideração pode oferecer pistas valiosas para que se compreenda a relação estabelecida, no universo da prostituição, entre a travesti, o cliente e seus corpos.

Uma questão latente

Segundo o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças – versão de 2008)¹⁵, a travestilidade (no CID-10, apresentada como travestismo) é classificada no rol dos Transtornos de

¹³ KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 63

¹⁴ Como Foucault apresenta o caso de Herculine Barbin, ocorrido no século XIX, em que médicos, homens da lei e religiosos são invocados para dar um parecer sobre o verdadeiro sexo de um indivíduo caracterizado como hermafrodita, e que tendo sido criado como uma menina, foi obrigado a se tornar homem, depois de crescido. O resultado foi desastroso. (1982)

¹⁵ Disponível no site: www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm - Acessado em 06 de junho de 2010.



Identidade e de Preferência Sexual (F 64.1 e F 65.1); ou seja, é uma doença. A patologização de comportamentos relacionados à sexualidade não é algo recente; até meados da década de 1960 a homossexualidade também compunha a lista da classificação internacional de doenças, e só foi retirada por causa da luta dos movimentos sociais LGBT.

É possível que se indague: - *Mas, a travestilidade não é um caso de homossexualidade; e, portanto, não mais seria classificada como doença?* Ocorre, entretanto, que a categorização homossexual não é homogênea. Os comportamentos homossexuais são tão diversos quanto são as culturas e subjetividades. Como exemplo disso pode-se recorrer aos estudos de Elizabeth Badinter¹⁶, que evidencia os usos da homossexualidade em diversas culturas por todo o mundo, como sendo um dos caminhos à constituição da heterossexualidade.

Problematizar a questão, demanda empreender um processo de desconstrução das visões usuais, desnaturalizando o social, como propôs Bourdieu. Essa tarefa é realizável, na medida em que se historicize as relações de gênero, demonstrando que as tentativas de classificá-las segundo critérios a-históricos, são parte de um projeto de dominação que permeia as relações sociais. Como destacou Bourdieu, é neste cenário que se insere a dominação masculina.

Para finalizar, ou começar, aceitaria algumas das provocações feitas por Foucault, para pensar na (in) docilidade do corpo travestido, e no espaço outro – heterotópico-, ocupado por este corpo na sociedade heterossexista.

Bibliografia

BADINTER, Elizabeth. **XY, sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez D. Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Vol. I. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural – Brasiliense, 1985.

GREEN, James N. e POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

¹⁶ BADINTER, Elisabeth. Op. Cit.



KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PELÚCIO, Larissa M. **Na noite nem todos os gatos são pardos** – notas sobre a prostituição travesti. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, p. 217-48.

SCOTT, Joan. **Prefácio a Gender and Politics of History**. Cadernos Pagu (3), p. 11 – 27, 1994.

_____. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.